

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 8 DE SETEMBRO DE 1998

*Senhor Ministro Chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhor Secretário Executivo da Câmara de Comércio Exterior (Camex), Doutor José Roberto Mendonça de Barros; Senhoras Exportadoras; Senhores Exportadores; Senhoras e Senhores,*

Nada mais oportuno do que, justamente hoje, depois de um ano de trabalho, termos chegado a esta conclusão e à organização destes grupos, que vão ampliar a nossa capacidade exportadora.

Refiro-me ao fato de que demoramos um ano para que aqueles que são “milagreiros” percebam que não se muda a estrutura de uma economia, a estrutura de um Estado e, muito menos, de uma sociedade, do dia para a noite. É preciso trabalhar, constante e conscientemente, para mudá-la. É o que nós estamos fazendo. É o que vimos fazendo nestes últimos anos, aqui, no Brasil. E os resultados vão se concretizando.

Tomemos o setor, tão bem representado pelos que aqui estão, que é o setor de comércio exterior. Houve muita mudança. Para começar, é preciso deixar bem claro que houve, efetivamente, uma abertura da

economia brasileira em que, de 1988 até julho de 1993, a tarifa média caiu de 38,5% para 13,2%, bruscamente. Isso foi antes do meu governo.

Nós procuramos fazer certas correções nesse processo, mas correções tomando em consideração que o mundo, hoje, é interligado e que essas correções não podem ser feitas à moda antiga, em que se mantinham os subsídios a algumas empresas, para que elas pudessem exportar, e a outras, para que pudessem sobreviver no Brasil, e se fechava o mercado. Esse sistema já ruiu.

Então, diante do novo sistema, o que nós estamos fazendo é buscar uma adaptação criativa, para que possamos enfrentar esse processo, fazendo uma reorganização da nossa produção e dos nossos modos de relacionamento com o mundo exterior. Na verdade, isso não foi planejado, mas o que aconteceu, nestes últimos anos, depois que nós assumimos o Governo, foi uma pequena elevação da tarifa média. Mas, não se assustem, foi muito pequena: de 13,2 para 13,7 ou 13,8, alguma coisa dessa natureza.

E fizemos algumas correções. Algumas são óbvias. Houve correções, por exemplo, no regime automotivo. Critique-se ou não, o regime automotivo trouxe para o Brasil 21 bilhões de dólares de investimento. Hoje, são 25 montadoras de carrocerias e veículos, 16 fabricantes de tratores e máquinas agrícolas, 4 fabricantes de reboques e semi-reboques, 144 fabricantes de autopeças. Enfim, uma modificação importante, que se estendeu no espaço nacional.

Digo isso com certa satisfação e repito sempre que, quando assumi o Governo, nós produzíamos automóveis em Minas e em São Paulo. Hoje, produzimos mais. Temos mais fábricas em Minas, mais fábricas em São Paulo e temos, também, no Rio Grande do Sul, no Paraná, no Rio de Janeiro, em Goiás, estamos ampliando para o Nordeste, e por aí vai.

Isso se fez porque há uma política efetiva, industrial, e uma indústria competitiva. E o resultado dessa competição é que nós aumentamos, quando se comparam os períodos bianuais – 94/95 com 96/97 –, a capacidade produtiva da nossa indústria automotiva em 20%. Aumentou consideravelmente.

Na verdade, quando se vêem os índices de exportação e de importação, vai se ver, também, que está havendo uma transformação positiva para o Brasil. Há momentos de transição em que um ou outro desequilíbrio aparece, mas, em seguida, quando se vê a linha dessa política, ela existe, ela é coerente e ela produz resultados.

Portanto, labora ou em ingenuidade, ou em erro, ou em má-fé quem imagina que não exista uma nova política industrial. Ela existe. E o setor exportador é parte dela. E parte muito ativa dessa nova política. Essa nova política não pode se basear apenas na grande empresa. Ela se baseia, também, na empresa média e pequena.

Daí a importância do Simplex na exportação. A importância de que se tenham mecanismos seguros que permitam a exportação. A importância do que mencionou o Doutor Mendonça de Barros, da exportação por cartão de crédito. E assim vai. São mecanismos complementares uns aos outros, mas que vão dando dinamismo à parte da indústria brasileira, que, no passado, não tinha a menor condição de competir, de existir e de sobreviver.

Claro que isso implicou, também, uma visão de nova política industrial, uma política competitiva. E claro que, nesse contexto, nós tínhamos que olhar com muito interesse a questão das exportações. E, também, estamos, nesse contexto, olhando para o Mercosul. No regime automotivo, estamos terminando as decisões sobre a questão do Mercosul. Nós ampliamos a capacidade produtiva nossa para 2 milhões e 100 mil veículos, para o ano 2000. Houve expansão das exportações, expansão do mercado interno, etc., etc.

Dei esse exemplo. Poderíamos dar outros exemplos, da indústria têxtil, da indústria de calçados, em que houve uma linha especial do BNDES para permitir a reconversão. Recentemente, vi, no Ceará, uma das empresas do Rio Grande do Sul, que também continua funcionando no Rio Grande do Sul. Lá, tem a parte de *design*, tem a parte de comercialização, tem alguma produção, mas tem 12 mil operários, 12 mil empregados no Ceará, para exportar calçados.

Enfim, nós estamos, efetivamente, tratando de fazer uma transformação importante. Nesse contexto, a agroindústria tem tido um papel

extraordinário, excepcional. E vai avançar, vai avançar cada vez mais. Ainda, na semana passada, participei do Fórum Nacional de Indústrias em que se vê a mesma coisa: temos metas, temos motivação, temos objetivos, temos mobilização do setor produtivo, e vamos avançar.

O que dizer de outros setores nos quais nós temos mostrado a nossa capacidade competitiva? Ainda, hoje, recebi uma informação trazida pelos ministros, muito significativa, de que a Embraer conseguiu colocar, agora, em uma feira na Europa, uma encomenda de cerca de 2 bilhões de reais – isso, agora, nesta semana; a notícia chega hoje –, ampliando o seu mercado, com a American Eagle, uma empresa poderosa e que comprou o novo modelo da Embraer, o EMB-135, que é para 37 lugares, que gerou uma quantidade importante de ordens de serviço, ampliando, assim, o emprego na região de São José dos Campos.

Enfim, nós não podemos perder nem a confiança em nós próprios, como povo, como nação organizada, nem a capacidade de dirigir, nem a capacidade de parceria, nem o sentimento de que, seja quais venham a ser as dificuldades, nós temos que enfrentá-las com tranquilidade, com firmeza e com confiança, porque nós temos capacidade para tomar decisões capazes de defender o interesse da nossa economia e o interesse do nosso país.

Está claro que, para esse trabalho – e eu quero felicitar, aqui, a Casa Civil, a Camex, os Ministros que aqui estão presentes, que participaram ativamente desse processo, sobretudo os exportadores, os representantes dos vários setores de exportação do Governo e de fora do Governo –, percebemos todos, em conjunto, que não há outro caminho, senão o do diálogo, senão o de estarmos dando as mãos uns aos outros, com tranquilidade, discutindo, vendo o que é possível fazer e avançando sempre para a transformação do Brasil.

E disse eu, há pouco, que era oportuno este encontro de hoje, que foi até casual, mas porque, ainda nesta manhã, o Ministro Malan e o Ministro Paulo Paiva expuseram ao País algumas medidas em outra área, a área de contenção do déficit fiscal. Quem é que duvida que o Governo da República, hoje, é capaz de tomar decisões? Não importa se vai ter eleição amanhã ou depois. Mais importante do que a eleição é o Brasil.

Então, as decisões necessárias são tomadas sem precipitação, sem susto e sem que isso seja uma espécie de traição à aspiração nacional; pelo contrário, é um esforço para reforçar uma linha de comportamento que significa manter a estabilidade. E essa vai ser mantida, enquanto nós tivermos com energia – e temos –, a todo custo, porque ela é importante para o Brasil continuar consolidando o seu desenvolvimento econômico e, em conjunto com ele, o desenvolvimento social, porque não são coisas que se possam separar. Não pode haver uma nação próspera, que atenda à educação, à saúde, ao saneamento, se não houver recursos nessa nação, se não houver um Estado que se reorganiza para enfrentar os desafios do mundo moderno, se não houver o empresariado, se não houver, também, uma sociedade civil que se organiza, que demanda, mas que percebe, junto com isso, que não existem demandas que possam ser atendidas, se não houver produção, se não houver a capacidade de gerar um certo volume de bens e serviços, a partir dos quais nós podemos, realmente, começar, como estamos fazendo, a edificação de uma nova sociedade, de uma sociedade mais justa e de um novo país.

Assim é que, nesta tarde, nós estamos dando seqüência a decisões que tomamos. E vamos continuar tomando, não digo todos os dias, porque uma decisão dessa leva meses para ser tomada. Outras podem ser com rapidez. Mas não vamos nos deixar ser aprisionados por uma precipitação ou pelo turbilhão que possa, eventualmente, estar ocorrendo aqui e ali. Vamos buscar o nosso rumo, seguir o nosso rumo, com muita energia, com muita confiança.

Eu espero contar com os senhores e com as senhoras. Não sou eu, como Presidente da República, é o Brasil que precisa. O Brasil precisa da nossa união. O Brasil precisa que haja um entendimento mais amplo dos processos que ocorrem no mundo contemporâneo. O Brasil precisa que haja uma decisão, uma disposição não de ver as questões de um ângulo sectário, de um ângulo partidário, de um ângulo menor, de um ângulo de interesse local ou de um ângulo de interesses até mesmo legítimos, mas de uma outra empresa, mas de ver o conjunto das políticas necessárias para que nós continuemos a transformar este país num grande país.

Eu não sou otimista, porque queira ser. Eu sou otimista, porque vivo num país que tem um povo que é sério, trabalhador, que já tem uma capacidade produtiva instalada, que já tem universidades, que já tem base tecnológica. Portanto, o de que ele precisa é ter capacidade de, ao dialogar, definir caminhos.

Eu não tenho dúvida de que nós temos caminho. O dia de hoje é mais um exemplo desse caminho. Eu vi os resultados do aumento das exportações de manufaturados, que foi significativo, assim como vi os resultados da diminuição das importações. Nós aumentamos as exportações, em média, creio que em 14%, nos últimos 12 meses, e as importações diminuíram 2%.

De modo que nós temos como fazer face, no tempo, obviamente, ao desequilíbrio da balança comercial. Estamos trabalhando para isso. Vamos continuar trabalhando para isso. Chegaremos ao momento de ter as nossas contas equilibradas. É falso imaginar que existe um desequilíbrio na nossa conta de pagamentos. Deve ser dessa ordem de 3,5%. Eu lembro que o critério para entrar em Maastrich é 3%. Os países europeus levaram muito tempo para se ajustarem aos 3%. Não é justo cobrar de nós, agora, o que ninguém fez. Não é justo dizer que é preciso ir mais depressa, fazer isso, fazer aquilo, sem ter critérios comparativos.

Nós teremos energia para discutir essas questões, com sinceridade, com os parceiros internacionais. Nós teremos, também, essa mesma energia, como foi dito pelo Doutor José Roberto, para seguir adiante, nesse processo de recondução de nossa política exportadora, ao mesmo tempo em que vamos criando condições para melhorar a produtividade, exportar melhor, ter financiamento mais adequado. Também vamos lutar mais – já estamos lutando – em relação às medidas *antidumping*, às medidas contra a concorrência desleal.

Nunca se fez tanto quanto nestes últimos dois ou três anos, em matéria de combate à concorrência desleal, ao *dumping*. Nós nos capacitamos para discutir, na OMC – Organização Mundial do Comércio, os nossos interesses. Vamos seguir discutindo os nossos interesses.

Ainda, ontem, disse uma palavra, que não é nenhum conceito: que nós precisamos ter uma globalização que seja mais solidária. E já vi

perguntarem o que é isso. É exatamente isto: é uma globalização que não seja unilateral, que não sirva só para que venham vender aqui e nós não possamos vender lá. Nós vamos ter que vender lá, senão não é globalização, é um esquema de perpetuação das assimetrias internacionais. Contra isso nós sempre nos rebelamos, e vamos continuar nos rebelando.

Há, portanto, efetivamente, mecanismos claros de dizer de que forma essa globalização pode ser para todos e não só para alguns. No caso do comércio exterior, é muito claro que é assim. E isso não é por boa vontade de A ou de B, mas pela nossa própria capacidade de nos organizarmos, para defender os nossos interesses, através de medidas legais, das medidas diplomáticas cabíveis, das medidas de posição clara dos governos, que também são cabíveis. Vamos ter que avançar nessa direção, com toda a tranqüilidade, como estamos avançando.

Há, portanto, um conjunto muito grande de medidas que nós estamos implementando, e vamos continuar implementando. Eu quero lhes dizer que espero contar com o apoio entusiasta daqueles que estão exportando e produzindo para exportar. Espero contar não como Presidente, mas como brasileiro. O Brasil precisa desse novo momento, de uma industrialização que seja adequada ao mundo atual, que seja competitiva, que tenha bases de competição em termos de financiamento, que tenha bases de competição em termos da não-aceitação das barreiras discriminatórias, que tenha base de sustentação impedindo que haja importações que sejam importações desleais, que vão, simplesmente, trazer, embutidas, uma série de condições, que não nos são dadas para utilizarmos na produção dos nossos produtos.

Eu quero, simplesmente, deixar mais essa palavra de entusiasmo, neste momento, que sei que é um momento de muita apreensão. Mas não adianta nada fazer como o avestruz e enfiar a cabeça na areia. Vamos continuar trabalhando, com firmeza, com coragem. E vamos levar adiante as transformações do Brasil.

Muito obrigado.

